

# Teleologia e profecias oraculares: análise narratológica das etiologias cultuais no livro VII das *Histórias*, de Heródoto

*Teleology and oracular prophecies: narratological analysis of  
cultic etiologies in book VII of Herodotus' 'Histories'*

Matheus Fernandes Moreira\*

**Resumo:** Esse artigo tem como proposta investigar de que forma as profecias oraculares que norteiam a inauguração de práticas cultuais gregas integram a estrutura teleológica da obra de Heródoto. Com ênfase no livro VII das *Histórias*, a investigação abordará o impacto dos vaticínios sobre as dimensões narrativas da obra. Interligando a trama principal às digressões etiológicas cultuais, as predições compõem a teia argumentativa do historiador enunciando justificativas relacionadas a preceitos religiosos gregos. Ao vasculhar diferentes dimensões do passado, a lente oracular empregada na atuação retrospectiva do historiador resgata tradições mitológicas, literárias e práticas rituais. Essas se tornam parte de seu esforço de significação do passado e, simultaneamente, ressaltam sua pertinência à luz da conjuntura de publicação da obra.

**Abstract:** This article aims to investigate how the oracular prophecies that led to the inauguration of Greek cultic practices integrates the teleological structure of Herodotus' work. With an emphasis on book VII of the *Histories*, the investigation will approach the impact of predictions on the narrative dimensions of the work. Bounding the main plot to cultic etiological digressions, the predictions compose the historian's argumentative web enunciating justifications related to Greek religious precepts. By searching different dimensions of the past, the oracular lens employed in the historian's retrospective performance rescues mythological, literary traditions and ritual practices. These partake in his effort to give meaning to the past and, simultaneously, highlight its pertinence considering the context in which the work was published.

**Palavras-chave:**

Historiografia.  
Teleologia.  
Etiologia.  
Profecia.  
Culto.

**Keywords:**

Historiography.  
Teleology.  
Etymology.  
Prophecy.  
Cult.

---

Recebido em: 14/04/2023  
Aprovado em: 31/05/2023

---

\* Mestre (2021) e doutorando em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo. Licenciado (2017) e graduado (2017) em História pela mesma instituição. Pesquisa História Antiga, com ênfase em História Grega.

## Introdução

Já nas primeiras linhas de sua obra, Heródoto expõe o resultado da pesquisa que conduziu a respeito do passado. Entretanto, o historiador não apenas se propôs a preservar do esquecimento as gloriosas proezas realizadas durante a longa guerra travada entre gregos e persas, mas esclarecer a sua causa – *aitie*.<sup>1</sup> Dessa forma, o mero conhecimento a respeito do passado seria trivial, a não ser que lhe fosse conferido sentido. À medida que a narrativa progride em direção ao seu desfecho e acaba se aproximando cada vez mais da época na qual a obra foi composta, escrita e declamada,<sup>2</sup> Heródoto procura entrelaçar as dimensões próximas e remotas do passado, preenchendo-o de sentido à luz de sua contemporaneidade. Seu objetivo não era apenas recontar a vitória grega nas Guerras Pérsicas, mas esclarecer como essa aconteceu e os fatores que a propiciaram.

Ao analisar a estrutura teleológica da composição das *Histórias*, Jonas Grethlein (2013, p. 185) ressalta a propriedade meta-histórica da retrospectiva elaborada por Heródoto em justificar os eventos que narrou. O autor afirma que, tanto nas *Histórias* como em outras obras historiográficas provenientes do passado greco-romano, "*the past is not only shaped by a later telos, but also by making it the telos of earlier events*" (GRETHLEIN, 2013, p. 185).

Entretanto, Grethlein aponta duas especificidades da estrutura teleológica das *Histórias*. Primeiramente, deve-se considerar o caráter novelístico da ficção histórica engendrada por Heródoto. Tal propriedade faz com que a recriação do passado oferecida pelo historiador dependa diretamente da introdução de personagens históricos e de sua ambientação no contexto narrado. O distanciamento intencional entre o leitor e os personagens é uma das características da estrutura teleológica das *Histórias* (GRETHLEIN, 2013, p. 186). A lacuna criada pelo historiador tem por finalidade delegar à audiência a avaliação a respeito dos eventos contemplados na trama e seu impacto nos eventos subsequentemente integrados ao enredo.

Outra característica da estrutura teleológica repousa na perspectiva do autor sobre a instabilidade dos destinos reservados aos eventos históricos que narrou (GRETHLEIN, 2013, p. 185). Tal instabilidade repousa no papel ativo que os personagens desempenham na consumação de sua própria sina. Tal protagonismo se torna ainda mais significativo a partir da introdução de um paralelismo narrativo entre as justificativas pautadas no pensamento racional e aquelas embasadas na crença (BARAGWANATH, 2008, p. 7). Em várias situações

---

<sup>1</sup> Dada a polissemia do termo *aitie*, a bibliografia tradicional se debruçou sobre seus variados usos circunstanciais. Para este trabalho, reitero o influente estudo de Henry Immerwahr (1956, p. 243) que relaciona o termo à causalidade dispensada por Heródoto ao elaborar sua narrativa sobre o passado.

<sup>2</sup> A bibliografia tradicional estima que o intervalo entre o fim das Guerras Pérsicas e a escrita das *Histórias* seja no máximo de duas gerações (GRETHLEIN, 2013, p. 185).

das *Histórias*, o historiador faz alusão à interferência das divindades gregas sobre o mundo dos mortais, apoiando ou censurando as atitudes de personagens.

Essa perspectiva da inconstância do destino se torna especialmente evidente durante as narrativas oraculares. Apontados como uma fonte de informação cuja autoridade transcende o âmbito mortal, os vaticínios se tornam um mecanismo de investigação de diferentes dimensões do passado e de alusão a eventos futuros. A tendência de enxergar o passado à luz de eventos posteriores é condensada de maneira a fazer com que as previsões passadas se ajustem à situação presente (GRETHLEIN, 2013, p. 205). Dessa forma, protagonizam uma função proléptica na estrutura teleológica da obra e, ao mesmo tempo, reiteram a onisciência do narrador das *Histórias*.

Neste artigo, analisarei o papel desempenhado pelas digressões que contemplam as narrativas etiológicas de cultos dedicados às divindades gregas norteados por profecias oraculares.<sup>3</sup> Mais do que meros relatos sobre a origem de ritos específicos, tais narrativas estabelecem uma conexão entre um ressonante passado e a contemporaneidade da audiência das *Histórias*. Tal elo contribui com a proposta de significação do passado idealizada por Heródoto no prólogo da obra. Ao autenticar os motivos que conduziram à inauguração desses cultos, o historiador realiza o encômio do modo de vida grego por meio da exaltação de suas divindades e de seu protagonismo na vitória grega.

### **A etiologia da religião grega nas *Histórias* e a influência dos centros oraculares**

A primeira incursão do autor a respeito da influência dos santuários oraculares sobre práticas culturais gregas ocorre no livro II, quando Heródoto procura averiguar os nomes atribuídos às deidades gregas durante sua estadia no Egito:

Originalmente, como fiquei sabendo por aquilo que me disseram em Dodona, os pelasgos tinham o costume de rezar aos deuses durante todos os ritos sacrificiais que realizavam, mas sem atribuir a qualquer um deles um nome ou epíteto. Eles os nomearam deuses por terem colocado todas as coisas em ordem e atribuírem-lhes suas funções. Muito tempo depois, os deuses adquiriram nomes trazidos do Egito e os pelasgos aprenderam os de todos os deuses com exceção de Dioniso – a quem eles conheceram posteriormente. Algum tempo depois, eles consultaram o oráculo de Dodona (que é o mais antigo oráculo estabelecido entre os gregos e, na época, era o único que existia) a respeito desses nomes. Os pelasgos questionaram se deveriam adotar tais nomes de origem estrangeira e o oráculo lhes disse que deveriam. Desde então, eles utilizaram os nomes dos deuses ao realizar seus rituais e os gregos herdaram tais práticas dos pelasgos (Heródoto, *Historiae*, II, 52, trad. própria).

---

<sup>3</sup> É importante ressaltar que, ainda que a relação filológica entre o termo *aitie* e a palavra etiologia seja evidente, essa não é usada por Heródoto em narrativas de origem (IMMERWAHR, 1956, p. 245). Nos relatos analisados (Hdt., *Hist.*, VII, 178), o termo empregado pelo historiador é *eponumien*.

Expondo sua investigação sobre a origem dos nomes dos deuses gregos, Heródoto lança as bases de uma difusa e incoerente teologia (HARRISON, 2000, p. 116). Firmemente embasado em tradições hieráticas de origem egípcia, o discurso etiológico do historiador pressupõe que a existência dos deuses precede a dos homens que, tendo-a acolhido, lhes dedicaram práticas rituais e os nomearam.

O parágrafo também torna perceptível uma análise meta-histórica de Heródoto a respeito da transmissão geracional dessa tradição onomástica egípcia dentro do território grego. O historiador demonstra a longevidade das integrações culturais entre diferentes grupos étnicos – no caso, egípcios e pelasgos – que habitavam os litorais banhados pelo mar Mediterrâneo (GUARINELLO, 2013, p. 47).<sup>4</sup> Além disso, ao ressaltar o protagonismo dos pelasgos na transmissão de tal tradição aos gregos, Heródoto reforça as hipóteses de sua gradual assimilação étnica dentro da Hélade.

A partir da etiologia da tradição onomástica cultural grega registrada por Heródoto é também possível constatar a proeminência dos centros oraculares no expediente cultural grego. A credibilidade atribuída por Heródoto à tradição onomástica egípcia – a qual se fundamenta em sua ancestralidade – encontra paridade no santuário oracular de Dodona, o mais antigo dos centros oraculares gregos. Sendo a fonte de informação apontada por Heródoto para legitimar a tradição de origem egípcia, Dodona desempenhou papel fundamental na disseminação dos nomes atribuídos aos principais deuses cultuados na Grécia continental.

A validação oferecida pelo santuário de Dodona aos nomes das deidades gregas prenuncia o impacto teleológico das demais profecias oraculares sobre a estrutura narrativa das *Histórias* (GRETHLEIN, 2013, p. 203). No trecho em questão, o olhar retrospectivo do historiador atribui grande importância a um passado remoto usado para explicar as origens dos nomes das principais divindades cultuadas pelos gregos até a época de publicação da obra.

Embora Dodona cumpra um papel importante no discurso sobre as origens da religião grega oferecido por Heródoto, o santuário de Delfos é aquele que recebe maior destaque na trama das *Histórias*. A usurpação do papel hegemônico anteriormente ocupado por Dodona na hierarquia divinatória é motivo de especulação por especialistas, que lhe atribuem motivos étnicos, políticos e geográficos.<sup>5</sup> Nas *Histórias*, a explicação histórico-

---

<sup>4</sup> Os pelasgos eram povos autóctones que ocupavam o território balcânico antes dos gregos. Dada sua importância para o passado grego, Heródoto aborda os laços étnicos existentes entre os dórios, jônios e pelasgos ainda no primeiro livro das *Histórias* (I, 56-58). Na visão do historiador, a assimilação de tal grupo à cultura grega teria garantido o crescimento de sua população e sua consequente sobrevivência.

<sup>5</sup> Donald Nicol (1958, p. 131) oferece diferentes explicações para ascensão délfica no expediente divinatório do século V a.C. A oportuna localização geográfica tornaria tal santuário mais acessível às comunidades gregas. Além disso, a

fictícia para a superioridade délfica em relação ao santuário de Dodona é insinuada nas fases iniciais da obra. No livro I, durante o emblemático episódio do teste de autenticidade dos santuários oraculares por Creso (Hdt., *Hist.*, I, 47) – primeiro monarca oriental apontado como agressor do modo de vida grego –, apenas Delfos e Anfiarau são reconhecidos pelo monarca lídio como legítimos. Tal legitimação é justificada pela capacidade dos vates desses centros oraculares em resolver o improvável quebra-cabeça que Creso lhes havia imposto.<sup>6</sup>

O episódio é considerado por especialistas como uma celebração da autoridade délfica perante os demais santuários (ASHERI; LLOYD; CORCELLA, 2007, p. 108). Entretanto, ainda que reitere perante a audiência a ilimitada capacidade profética desse santuário, tal incidente é ainda mais emblemático por insinuar o comportamento soberbo e arrogante de Creso.<sup>7</sup> Mesmo orientado pelas profecias do mais renomado dentre os santuários oraculares, o ambicioso monarca falhará ao interpretar corretamente seus significados, fato que o conduzirá à própria ruína.

A inserção das tradições oraculares no corpo do texto se relaciona também com a autoridade narrativa de Heródoto (KINDT, 2006, p. 48). Os discursos da sacerdotisa de Delfos reiteram dois dos principais discursos moralizantes que permeiam a obra: o inevitável ciclo de ascensão e queda de grandes poderes e a inexorabilidade do destino. Enastrados à voz autoral do narrador das *Histórias*, os vaticínios délficos conferem legitimidade aos relatos sobre o passado preservados na obra por representarem uma sabedoria de natureza divina. Ou seja, inalcançável aos mortais.

Na sequência, serão analisados trechos do livro VII nos quais as profecias oraculares délficas desempenham um papel importante na fundação de novas práticas cultuais gregas. A propriedade teleológica de tais narrativas se faz nítida ao estabelecer uma relação de causa e consequência entre o desfecho das Guerras Pérsicas e as práticas cultuais contemporâneas à escrita da obra. Provando-se autênticas, as predições oraculares não apenas orientam os fiéis a se manterem pios perante a adversidade, mas celebram o poder das divindades gregas enaltecendo os motivos que legitimam a pertinência de seus respectivos cultos.

---

associação entre Dodona e outros grupos étnicos – especialmente os pelasgos e os dórios – justificaria a primazia atribuída a Delfos pelas cidades da Ática em detrimento de Dodona.

<sup>6</sup> Geralmente, o fiel que busca auxílio divino se dirige ao centro oracular que lhe oferece uma profecia com o propósito de orientar suas próprias ações. O conteúdo dessas profecias é, muitas vezes, enigmático e ambíguo, cabendo ao consultor adivinhar seu verdadeiro sentido. Para testar a autoridade dos santuários, Creso subverte tal norma (KINDT, 2006, p. 37). O monarca propõe um enigma – acertar a exótica receita que cozinhava em um caldeirão de bronze – aos santuários, submetendo-os ao seu escrutínio como se fossem consultores.

<sup>7</sup> Em artigo recente, Daniel Crosby (2022, p. 60) questionou a bibliografia tradicional a respeito da exaltação de Delfos em detrimento dos demais santuários oraculares. O autor argumenta que as inferências de tal exaltação partiriam exclusivamente da personagem de Creso da qual Heródoto não necessariamente compartilhava.

## A ironia oracular e a fundação do culto aos ventos em Tía

Ambas as digressões destinadas a rastrear as origens dos cultos se inserem em um momento dramático da narrativa: a iminente invasão da Ática pelas tropas comandadas por Xerxes. Após narrar as duras respostas oraculares recebidas pelos atenienses, as quais insinuavam a iminente destruição de sua cidade,<sup>8</sup> Heródoto relata como cada uma das tentativas dos atenienses em compor uma aliança grega para impedir o avanço persa fracassa. Merece destaque o incidente na região da Tessália (Hdt., *Hist.*, VII, 172), no qual as forças gregas desistem de dar combate aos persas devido à mensagem enviada pelo rei Alexandre I da Macedônia, o qual orienta a retirada das tropas gregas perante o massivo contingente militar do inimigo (Hdt., *Hist.*, VII, 173). Ainda assim, as poucas comunidades gregas que resistem aos persas decidem enfrentá-los em localidades nas quais eles não poderiam se valer de sua inquestionável superioridade numérica: o desfiladeiro das Termópilas e o estreito de Artemísio. Coligados, os relatos de tais acontecimentos instauram o suspense no ritmo da narrativa,<sup>9</sup> uma vez que comunicam à audiência a frustração nas tentativas de conter o avanço inimigo e o esgotamento de outras alternativas profanas

Privados de qualquer solução terrena, os habitantes de Delfos decidem realizar uma consulta oracular à sua sacerdotisa buscando orientação divina perante a inevitável invasão inimiga (Hdt., *Hist.*, VII, 178):

Enquanto os regimentos gregos seguiam caminhos separados para uma guerra a toda velocidade, os délfios, temerosos por si e pela Grécia, consultavam o deus. Foram orientados a rezar aos ventos, pois se tornariam grandes aliados da Grécia. Tendo recebido o vaticínio, primeiramente os délfios comunicaram seu conteúdo aos gregos que queriam ser livres. Dessa forma, angariariam sua imperecível gratidão devido ao temor que despertavam-lhes os bárbaros. Em seguida, eles dedicaram um altar aos ventos em Tía, onde está o templo de Tía, filha de Céfiso, por conta da qual a região recebeu essa denominação. Por esse motivo, os délfios oferecem sacrifícios aos ventos.

<sup>8</sup> A primeira profecia délfica referida é introduzida quando os atenienses se dirigem a Delfos e recebem uma profecia de tom agressivo (Hdt., *Hist.*, VII, 140), cujo conteúdo os exorta a abandonar a cidade à destruição nas mãos dos persas. Descontentes com o vaticínio, reenviam uma delegação a Delfos buscando receber outra de conteúdo mais favorável (Hdt., *Hist.*, VII, 141). É a partir da segunda profecia que alguns atenienses vislumbram a possibilidade de fugir e reforçar sua esquadra para enfrentar os persas em Artemísio e Salamina (Hdt., *Hist.*, VII, 142).

<sup>9</sup> Faz-se imprescindível notar a justaposição de tal conjuntura pessimista à introdução da consulta oracular délfica no expediente narrativo. Como nota Jon Mikalson (2003, p. 86), a notoriedade das profecias délficas criava suspense e antecipação, uma vez que a audiência sabia que se tornariam verdadeiras. Dessa forma, como ressalta Grethlein (2013, p. 202), a noção de suspense não é direcionada ao que acontecerá – uma vez que a audiência já sabia o que iria acontecer – mas de que maneira aconteceria.

Marcando o início do relato etiológico oferecido por Heródoto a respeito do culto aos ventos na região de Delfos, a profecia oracular introduz uma subcorrente narrativa (MITCHELL, 2013, p. 8) de caráter teleológico que complementa o esforço de significação do historiador sobre o passado. Empregado em diversas situações da obra, tal paralelismo é caracterizado pela utilização dos ritos divinatórios como dispositivos narrativos irônicos.<sup>10</sup> Amplamente disseminadas,<sup>11</sup> tais práticas integravam o repertório de crenças da sociedade grega antiga. Dessa forma, o ciclo de previsão, a atitude dos consultantes e a realização do futuro preconizado pelos ritos subsidiam o relato de Heródoto acerca de acontecimentos passados.

Herdeira da tradição épico-trágica que atribui à pluralidade de sinais divinos uma propriedade infalível (MIKALSON, 2003, p. 152), a sistêmica recepção e influência de tal legado no estilo narrativo do texto herodotiano fez com que especialistas elencassem as múltiplas e permeáveis maneiras através das quais Heródoto emprega tal figura de linguagem nas *Histórias*. O recorrente emprego das profecias oraculares como dispositivo irônico configurou sua própria tipologia narrativa: a ironia oracular (RUTHERFORD, 2018, p. 6).

Tal tipologia demarca arcos narrativos de personagens ou eventos históricos retratados na obra e introduz uma noção de cronologia intranarrativa em seu enredo (KINDT, 2016, p. 53). Geralmente, um presságio se manifesta a um personagem que procura descobrir seu significado e agir de acordo com a vontade assinalada pelo mundo divino. Como muitas dessas histórias dialogam com preceitos rituais gregos – *ta iera* –,<sup>12</sup> seus enredos assumiam nítida conotação moralizante (HAU, 2016, p. 188). Por meio do entretenimento, as tramas propagavam a postura esperada de um mortal perante os deuses, encorajando a prática da piedade e condenando sacrilégios. Deve-se ressaltar o fato de que, independentemente do comportamento dos personagens que recebem o vaticínio, estes se tornam protagonistas das ações que conduzem ao desfecho da narrativa. Dessa forma, participam ativamente da consumação de sua própria sina.

---

<sup>10</sup> As evidências literárias apontam a existência de uma notável heterogeneidade dentre os ritos divinatórios. Eventos climáticos, profecias oraculares, sonhos, conselhos ignorados, doenças e toda sorte de fenômenos considerados inexplicáveis (ou ainda, inoportunamente ou oportunamente manifestos) eram interpretados como sinais divinos.

<sup>11</sup> Ao analisar o alcance dos ritos divinatórios, Kin Berdeen (BERDEEN, 2013, p. 9) emprega o termo “*omen-mindedness*” para explicar a ampla disseminação e popularidade dos ritos divinatórios. O termo expressa a ideia de que os seres humanos estariam constantemente à procura de ocorrências e sinais divinos para lhes proporcionar significado religioso, ou seja, que os antigos buscavam detectar mediações do mundo divino em seu ambiente profano. Sendo um fenômeno cultural generalizado, qualquer indivíduo poderia ser um adepto em potencial e praticar adivinhação.

<sup>12</sup> Como ressalta Paul Cartledge (2009, p. 78), os gregos não tinham uma palavra específica para definir religião. *Ta iera* era uma das recorrentes expressões usadas para definir os ritos sagrados (CALAME, 2009, p. 264).

A marcha do exército persa da Ásia até a Grécia continental é entrecortada por uma grande quantidade de sinais divinos que, analisados retrospectivamente, prenunciavam sua derrota no conflito. Especialmente durante os três últimos livros, signos agourentos se manifestam recorrentemente antes das principais fases da campanha liderada por Xerxes. Dentre tais sinais, as tempestades se destacam por sua elevada incidência.<sup>13</sup> À medida que o exército avança, raios, trovões, e vendavais infligem severas baixas nas legiões persas.

A piedade dos délfios é convertida em uma prática ritual que inverte a lógica cultural tradicionalmente representada na literatura.<sup>14</sup> A dedicação antecipada do altar aos ventos ecoa ironia oracular ao reiterar a tradição da infalibilidade das profecias délficas. Outro indicador do caráter antecipatório do favorecimento divino aos délfios é o fato de a profecia oracular não se valer de sua tradicional polissemia perante a consulta dos fiéis, mas sim assumir caráter didático ao proporcionar-lhes uma instrução direta: rezar aos ventos. Dessa forma, a inquebrantável crença compartilhada pela população de Delfos garantiria a evocação do presságio pretendido e, conseqüentemente, a salvação da Grécia.

### A origem do culto de Bóreas e Orítia em Atenas

Ao relatar o comportamento dos marinheiros atenienses ao contemplar o presságio, Heródoto inicia sua digressão para explicar a origem do culto de Bóreas e Orítia em Atenas:

Existe um relato de que os atenienses haviam apelado à ajuda de Bóreas, o vento do norte, por terem recebido outra profecia, exortando-os a requisitar o auxílio de seu genro. De acordo com o mito grego, Bóreas, o vento nortenho, é casado com Orítia, a filha de Erecteu e, portanto, uma mulher da Ática. Dizem que os atenienses interpretaram isso como uma ligação matrimonial e deduziram que Bóreas era seu genro. Então, quando se encontravam no campo de batalha em Cálcis na Eubeia, em algum momento, quando perceberam o surgimento da tempestade ou antes disso, eles realizaram sacrifícios e clamaram a Bóreas e Orítia para que viessem lhes prestar auxílio e destruíssem a armada persa como haviam feito antes no monte Ato. Se foi por isso que Bóreas atingiu os persas enquanto estavam ancorados, eu não sei dizer. Mas de qualquer forma, os atenienses

---

<sup>13</sup> Durante a campanha de Xerxes, destaca-se a tempestade que destrói a primeira ponte construída sobre o Helesponto (Hdt., *Hist.*, VII, 34) e os raios e trovões que atingem o exército enquanto acampava aos pés do monte Ida (Hdt., *Hist.*, VII, 42). Outras tempestades ainda se manifestariam durante o livro VIII. A negligência perante os sinais divinos se torna um padrão narrativo o qual assume função proléptica (GRETHLEIN, 2013, p. 201) – ou seja, que antecipa acontecimentos históricos que já eram de conhecimento da audiência e de Heródoto – a respeito do insucesso das trajetórias dos personagens que os ignoram. Ao analisar a manifestação de tempestades em âmbito militar de outras obras literárias gregas, Matthew Dillon (2017, p. 182) aponta que tais intempéries são compreendidas como presságios que prenunciam a destruição de grandes exércitos. Nesse caso, dos regimentos persas.

<sup>14</sup> Geralmente, libações ou sacrifícios são oferecidos aos deuses, os quais respondem através de um sinal divino que atende às petições dos fiéis. Apenas após a constatação do portento, e tendo seus pedidos atendidos pelas deidades, os fiéis dedicam santuários às divindades (MIKALSON, 2003, p. 62).

dizem que Bóreas havia vindo ajudá-los no passado e que naquela ocasião os acontecimentos foram sua obra. Quando retornaram a Atenas construíram para ele um santuário nas margens do rio Ilisso (Hdt., *Hist.*, VII, 189).

Assim como no relato etiológico da fundação da prática ritual délfica em Tía, uma profecia oracular coordena a fundação do culto. Entretanto, ao contrário dos délfios, que recebem instruções claras do oráculo sobre aquilo que deveriam fazer, os atenienses devem decifrar a ambiguidade inerente ao vaticínio através de um enigma. Decifrando adequadamente a polissemia oracular, os marinheiros atenienses demonstram sua devoção ao dedicar práticas rituais a Bóreas e Orítia, divindades com as quais já estavam familiarizados em seu expediente cultural.

Integrando a subcorrente da narrativa oracular, a justificativa oferecida pelos atenienses para ofertar oblações às divindades engendra uma analepse intratextual que recorda outra situação na qual Bóreas teria prestado auxílio aos seus fiéis através de um presságio.<sup>15</sup> Tal episódio é relatado por Heródoto no livro VI, e descreve uma incursão marítima ordenada por Dario contra os gregos como punição pelo auxílio ofertado por Erétria e Atenas às cidades jônicas que se revoltaram contra os persas. O caráter punitivo da expedição se converte em uma descomedida agressão imperialista por parte dos persas, que procuram submeter todas as comunidades gregas que encontram durante o trajeto. Entretanto, os marinheiros persas teriam seus intentos expansionistas frustrados pela atuação de um forte vento do Norte – *bores anemos megas* – o qual lança os navios contra a cadeia montanhosa do Atos na região da Calcídia (Hdt., *Hist.*, VI, 44)

De nítida conotação moralizante, o relato ilustra a gratidão dos atenienses pela intervenção de seu antigo aliado divino através dos preceitos cultuais. O relato etiológico ofertado por Heródoto não apenas explica por que os atenienses cultuam Bóreas e sua consorte, mas ressalta o caráter tradicional da devoção a essas divindades através do resgate de uma situação pretérita. A certa proteção oferecida por essas deidades em momentos de desesperança resulta na dedicação de um altar em sua honra na orla do rio Ilisso. O local escolhido para a fundação do santuário, tanto como o da manifestação do milagre, é significativo e enuncia a ancestralidade mitológica da paisagem. As margens do rio Ilisso eram localidades de intensa atividade religiosa e são consideradas pelos especialistas um importante sítio para o estudo de estruturas cultuais menores (WYCHERLEY, 1970, p. 283). Além de hospedarem o notório templo de Zeus Olímpico e o altar das musas, as orladuras abrigavam uma enorme quantidade de altares menores

---

<sup>15</sup> A analepse é um recurso narrativo o qual tem por finalidade recuperar acontecimentos passados. Nas *Histórias*, as analepses aprofundam a dimensão cronológica da narrativa principal e oferecem informações a respeito de personagens e lugares que se tornam indispensáveis para trama (JONG, 2002, p. 254).

atribuídos à uma variedade de divindades. Embora a obra de Heródoto não ofereça detalhes sobre a localização do recinto sagrado, obras posteriores estabelecem uma conexão entre o Ilisso e o mito do rapto de Orítia.<sup>16</sup>

### **Diálogos entre o relato da tempestade magnésia e as práticas rituais gregas através da tradição literária épico-trágica**

Após a descrição do enorme contingente militar persa (Hdt., *Hist.*, VII, 184-187), a qual enfatiza a iminente aniquilação das comunidades gregas que decidiram resistir à invasão, Heródoto relata o inusitado presságio que se manifesta na costa magnésia:

A frota navegava apressada e aportou em território magnésio, na praia entre a cidade de Castaneia e o cabo Sépias. Os primeiros navios atracavam próximo à terra, com os outros ancorados atrás deles. Como a praia não era grande, aportavam alinhados no mar em sequência de oito. Assim ficaram durante a noite. Mas ao nascer do dia, de um clima límpido e calmo, o mar se agitou e uma grande tempestade caiu sobre eles seguida por um forte vento de leste, o qual os habitantes dos arredores desta localidade chamam de Helespontino. Nesse momento, alguns entre eles perceberam o quanto o vento se intensificava e nestas condições atracavam em abrigo. Esses se anteciparam à tormenta arrastando os navios para a margem e sobreviveram junto de suas embarcações. Da quantidade de navios que foram surpreendidos em alto mar, alguns foram empurrados contra os notórios Fornos do Pélion, outros em direção à praia. Naus também se chocaram contra o próprio Cabo Sépias e contra a cidade de Melibeia, outros foram expelidos em Castaneia. Era de fato uma tempestade insuportável (Hdt., *Hist.*, VII, 188).<sup>17</sup>

Ao contrário da grande maioria dos presságios registrados nos diversos *logoi* das *Histórias* – os quais se manifestam espontaneamente perante suas testemunhas –, chama atenção o fato de a tempestade ter sido evocada pelos fiéis. A temática da evocação de presságios se relaciona à influência sistêmica da épica monumental homérica sobre as *Histórias*. Embora em tal gênero essa prática ritual seja geralmente descrita em cenas de augúrios (sinais divinos comunicados por pássaros), a evocação de presságios é introduzida em conjunturas narrativas de tensão, desesperança e humilhação perante os deuses. Em contraste estilístico com a narrativa poética da *Ilíada* e da *Odisseia*, o conteúdo exortativo das preces nas duas etiologias analisadas é omitido por Heródoto. Entretanto, os excertos demonstram que a evocação do presságio é assegurada por

<sup>16</sup> O diálogo platônico Fedro (Platão, *Fedro*, 229C), através da personagem de Sócrates, aponta a existência de um altar dedicado à divindade rio abaixo onde os passantes fariam a travessia a Agra. Por sua vez, a obra de Pausânias identifica as margens do rio como o local por onde Bóreas teria carregado a princesa ateniense durante sua fuga (Pausânias, *Graeciae Descriptio*, 95, 1).

<sup>17</sup> Essa tradução provém de trabalho anterior, ou seja, minha dissertação de mestrado (MOREIRA, 2021, p. 92).

práticas rituais: a dedicação do altar aos ventos pelos délfios e as oblações oferecidas a Bóreas e Orítia pelos atenienses. A moralidade enunciada pelos relatos é evidente por estabelecer uma relação de causalidade direta entre as práticas cultuais e a evocação dos respectivos signos divinos.

Tal relação de causalidade se faz presente nas duas etiologias analisadas neste artigo e se relacionam ao preceito religioso de *soteria* – salvação ou livramento. A temática da intervenção divina direcionada à salvação de uma comunidade ou a causar destruição de inimigos se origina da tradição épico-trágica anteriormente referida. Sendo o mundo dos mortos descrito por Homero uma sombria morada de fantasmas, não haveria entre os gregos qualquer noção de punição ou recompensas após a morte (TRIDIMAS, 2022, p. 680). Dessa forma, nota-se que as preces e oblações se dirigiam à obtenção de prazeres e livramentos profanos. Embora o emprego do termo *soteria* não seja constatado na épica homérica, cenas nas quais práticas rituais são ofertadas em troca de proteção e livramento são notavelmente recorrentes (JIM, 2022, p. 21).

Por sua vez, a herança conceitual do termo *soteria* também deriva da dramaturgia e se faz especialmente presente na obra de Ésquilo. De maneira geral, as tragédias de Ésquilo atribuem ao vocábulo a acepção de livramento e retorno seguro para casa após experimentarem os perigos da guerra (JIM, 2022, p. 32). Destacam-se os empregos do termo na tragédia *Os Persas*, de Ésquilo, devido ao evidente diálogo temático que estabelece com as *Histórias*. Nas *Histórias*, o termo se relaciona às narrativas militares da obra e condiciona o livramento de comunidades que passam por uma situação perigosa (JIM, 2022, p. 31). No entanto, ao contrário de Ésquilo, que emprega tal palavra apenas nos relatos envolvendo os persas, Heródoto também faz uso do termo ao se referir a conflitos entre os próprios gregos. Nos relatos etiológicos apurados, tanto os délfios quanto os atenienses realizam práticas cultuais pedindo aos deuses pela salvação de suas respectivas comunidades. O portento destruidor enviado pela esfera divina interliga os dois relatos ao proporcionar-lhes a salvação almejada.

Por fim, deve-se considerar o fato de que cada comunidade atribui a responsabilidade pela tempestade a uma divindade diferente. Tal fato se explica pela lógica ritual inclusiva da politeísmo grego. As inconsistências existentes na lógica cultual (LARSON, 2016, p. 6) se explicam pela sobreposição de funções atribuídas às divindades por cada comunidade que contemplou o presságio. Como veremos no tópico seguinte, a divindade délfica Tía seria uma ninfa que habitava os picos do monte Parnaso no mito de Apolo *Lykeios*. Por sua vez, a divindade ateniense Orítia integra o mito de Bóreas ao ser raptada por ele. A proximidade entre os nomes das diferentes divindades – Tía e Orítia – aponta que o primeiro fosse uma abreviação do segundo (ROOKHUIJZEN, 2018, p. 127), podendo

sugerir uma proximidade entre o expediente religioso de Atenas e Delfos. A fundação do altar aos ventos – incluindo Bóreas – em Delfos interligaria essas etiologias cultuais, reforçando a hipótese de que Tía seria a manifestação délfica de Orítia.

### O resgate do passado através da mitologia nas etiologias cultuais

As profecias oraculares abordadas nesse trabalho demonstram a influência das mitologias locais das *poleis* sobre a inauguração de suas novas práticas cultuais. Impactando a narrativa e a semântica dos relatos oferecidos por Heródoto, os vaticínios são o recurso narrativo por meio do qual o historiador acessa o substrato cultural mitológico que legitima a inauguração das novas práticas cultuais (CALAME, 2009, p. 262). A referência aos respectivos contos mitológicos de origem das comunidades prestes a introduzir novos cultos em seu expediente religioso é um recurso mnemônico empregado por Heródoto para conferir autenticidade ao seu relato. Embora não explicitado pelo historiador, a fundação do culto segue a lógica do politeísmo grego ao estabelecer um diálogo entre a divindade prestes a ser introduzida ao expediente cultural e a divindade principal das comunidades que as recebem (DEACY, 2007, p. 224). O caráter extraordinário (GEROMELOU, 2018, p. 136) das narrativas mitológicas despertava forte emoção nos leitores da obra e facilitava o processo de recordação comunitária da narrativa etiológica almejado pelo historiador. Dessa forma, as referências mitológicas das etiologias celebram o objetivo principal das *Histórias* exposto no prólogo: preservar a memória do passado contra os efeitos deletérios do tempo (SEBASTIANI, 2018, p. 69).

Para atender às instruções oraculares, os délfios decidem fundar um altar para o qual escolhem um local específico: Tía. A escolha de tal localidade<sup>18</sup> se torna uma referência cultural relevante por preservar em si o remoto passado mitológico da região.<sup>19</sup> Embora existam versões diferentes para a origem da deidade denominada Tía,<sup>20</sup> tal divindade é mencionada em tradições mitológicas délficas que descrevem a fundação da comunidade.

---

<sup>18</sup> O local apontado pelo historiador para a fundação do culto – homônimo ao da deusa – é relacionado por especialistas ao distrito leste de Delfos. Tal setor abrigaria a antiga Anemoreia, atual Arachova, onde foi identificado um altar dedicado aos ventos no século XIX (MCINERNEY, 1997, p. 270).

<sup>19</sup> Katherine Clarke (2018, p. 43) aponta a impregnação das localidades descritas nas *Histórias* com referências mitológicas como uma técnica narrativa usada pelo historiador. O avanço da trama acessa dimensões temporais remotas das paisagens nas quais as cenas são ambientadas. A narrativa recupera momentos cruciais do passado mitológico dessas localidades e comunica à audiência a pertinência do episódio para a narrativa principal (CLARKE, 2018, p. 154).

<sup>20</sup> Nas tradições délficas, Tía seria filha de Castalo, primeira sacerdotisa de Dioniso a celebrar ritos em honra desta divindade. Tal tradição se relaciona ao culto de Dioniso nos picos do monte Parnaso, o qual era o lar de diferentes tipos de ninfas. Dentre estas, destacam-se as Tiades, cultistas de orgias dedicadas à essa divindade. Na tradição épica, Hesíodo (*Catálogo de Mulheres*, fragmento F3, p. 157) aponta Tía como filha de Deucalião que, unida a Zeus, gerou Magnes e Macedão.

Essas tradições integram o monte Parnaso, elevação vizinha à comunidade de Delfos, como palco de muitos acontecimentos milagrosos relacionados à chegada de Apolo, sua divindade patrona. Na versão herodotiana, o vínculo entre o ciclo mítico de Delfos e o Parnaso é estabelecido através da menção a Céfiso – rio que corre na porção norte do monte. Dentre estas, destaca-se o mito de Apolo *Lykeios*, no qual o deus patrono da comunidade assumia a forma de um lobo para proteger os rebanhos dos pastores délfios no Parnaso. Nesse mito, Tía, uma ninfa do monte Parnaso, se torna a consorte de Apolo. Da união entre esses deuses teria nascido Delfo, fundador do povoado.<sup>21</sup>

No relato da inauguração do culto de Bóreas e Orítia, a profecia oracular acessa o passado mitológico de Atenas – reiterado pelo próprio Heródoto – através do enigma que dirige aos atenienses.<sup>22</sup> O cunhado mencionado pelo vaticínio é identificado pelos atenienses no passado mitológico da cidade através do conto do rapto de Orítia por Bóreas. Tal conto se conecta diretamente a um dos mitos de fundação da cidade: o de Erecteu,<sup>23</sup> um dos reis de Atenas que se torna o herói fundador dessa *polis*. Orítia, a divindade apontada no relato etiológico, era sua filha que não cede aos cortejos de Bóreas e acaba raptada por ele. Supostamente, a tempestade que atinge a esquadra persa teria se ambientado onde o rapto teria acontecido (ROOKHUIJZEN, 2018, p. 127).

### **Unindo o passado ao presente: a narrativa oracular e a onisciência do historiador**

Por meio da análise do papel desempenhado pelas profecias oraculares nos relatos etiológicos das práticas culturais gregas, foi possível apurar como Heródoto se utiliza dessas narrativas como uma via complementar ao seu esforço de significação do passado. A complementariedade entre a voz autoral e aquela de origem divina enunciada pelos vaticínios reitera a onisciência narrativa do historiador. Como dispositivo de investigação do passado intrínseco ao texto, as narrativas oraculares vasculham suas diferentes

---

<sup>21</sup> A menção ao rio também é relevante ao considerarmos a relação existente entre Tía e o culto aos ventos. Daniel Gershenson (GERSHENSON, 1992 *apud* MCINERNEY, 1997, p. 270) acrescenta que associações imagéticas entre o vento e os lobos eram comuns no folclore e seriam um indício do vínculo entre Apolo *Lykeios* e o culto dos ventos.

<sup>22</sup> Ao contrário dos cultos de Tía e Orítia, os quais não são mencionados em quaisquer outras passagens da obra e careceram de uma análise extratextual, o conhecimento de Heródoto a respeito dos mitos de fundação atenienses é registrado no livro VIII. Heródoto menciona a existência do templo dedicado a Erecteu (Hdt., *Hist.*, VIII, 55), que abrigava inscrições que remetem a outro mito de fundação da cidade: a disputa entre Atena e Posídon pelo patronato da cidade.

<sup>23</sup> De acordo com o mito, Erecteu foi fruto de uma tentativa de assalto sexual do deus Hefesto à Atena. Conseguindo se desvencilhar de seu agressor, a deusa fez com que esse ejaculasse na terra – o que resultou na gravidez acidental de Gaia. Entretanto, Atena assume a tutela do recém-nascido, que é criado por ela em seu templo na Acrópole e procura torná-lo imortal. Embora a tentativa falhe e Erecteu permaneça mortal, é reconhecido como filho da deusa: o primeiro dos atenienses. Erecteu será responsável por erguer a estátua de Atena *Polias* e por fundar o festival cívico-religioso das panateneias (DEACY, 2007, p. 226).

dimensões – tanto a mais remota representada pelos contos mitológicos, quanto aquelas mais recentes relativas aos episódios finais das Guerras Pérsicas.

O paralelismo narrativo (BARAGWANATH, 2008, p. 7) estabelecido entre a voz autoral do historiador e aquela de origem divina que se expressa por meio dos vaticínios e sinais divinos insinua que tanto as explicações racionais quanto aquelas fundamentadas na crença não são mutuamente excludentes. Pelo contrário, as explanações divinas se tornam cada vez mais explícitas à medida que as ações humanas – principalmente aquelas que enunciam a piedade – se tornam cada vez mais ativas (PELLING, 2019, p. 152).

A retrospectiva engendrada pelos vaticínios integra uma estrutura teleológica à trama (GRETHLEIN, 2013, p. 203) e aprofunda o esforço de significação almejado pelo historiador por meio da permeabilidade estabelecida com suas imediações narrativas. Deve-se notar que o relato da tempestade na costa magnésia e aqueles da inauguração das práticas cultuais antecedem as batalhas de Artemísio e Salamina no livro VIII. Os relatos dessas duas decisivas batalhas são entrecortados por outros relatos maravilhosos e presságios. Merece destaque a avaliação de Heródoto a respeito da tempestade que atinge os persas na batalha de Artemísio (Hdt., *Hist.*, VIII, 13). Em rara intervenção autoral, Heródoto interrompe a narrativa para opinar sobre tal manifestação:

O fim deles foi abominável, pois, enquanto navegam, sobreveio-lhes a tempestade e a chuva quando estavam sob as cavidades de Eubeia. Não sabendo para onde eram conduzidos, foram levados pelo vento e lançados contra as rochas. Tudo era feito pelo deus para que a horda persa se equiparasse à dos gregos e não mais lhe fosse superior (Hdt., *Hist.*, VIII, 13).<sup>24</sup>

Ao atribuir à esfera divina a responsabilidade pelo envio da tempestade que tinha por objetivo auxiliar as tropas gregas, Heródoto preenche de sentido todos os outros sinais agourentos perante os quais se omitiu. Analisados retrospectivamente, todos os demais presságios – especialmente as tempestades –, cujas manifestações pareciam aleatórias, revelam seu potencial profético. Esses não apenas integram a perspectiva teleológica de Heródoto a respeito do passado, mas enunciam a onisciência do historiador (GRETHLEIN, 2013, p. 203). Sob uma ótica narratológica, a subnarrativa engendrada pelos presságios encontra um evidente ponto de intersecção com o relato tático da invasão que compõe a narrativa principal. Tal confluência argumentativa confere a impressão de que os deuses sempre se fizeram presentes, do começo ao fim do conflito.

Ademais, deve-se considerar a evidente disparidade atitudinal entre gregos e persas em relação ao âmbito divino – especialmente de suas lideranças. As imediações

<sup>24</sup> Essa tradução provém de trabalho anterior, qual seja, minha dissertação de mestrado (MOREIRA, 2021, p. 96).

narrativas demonstram tal contraste à medida que os gregos fundam novos cultos e santuários ao fim do livro VII, enquanto os persas procuram destruí-los e saqueá-los em vários episódios do livro VIII.<sup>25</sup> A guerra intermitente representava um obstáculo à continuidade das tradições religiosas gregas (LARSON, 2016, p. 332). Ao lembrar a ameaça que o avanço de um exército etnicamente estereotipado como vândalo e ímpio (ROOKHUIJZEN, 2018, p. 297) representou às práticas cultuais gregas e a seus santuários, Heródoto comunica à sua audiência a importância da piedade dedicada às divindades naquela época e a validade de continuar a reverenciá-las no presente.

No que diz respeito ao conteúdo informativo de tais relatos etiológicos, deve-se apontar a pertinência de um estudo mais aprofundado da influência dos centros oraculares – especialmente de Delfos – sobre a fundação de novas práticas cultuais. A bibliografia que analisa o papel dos centros oraculares nas *Histórias* se ocupa predominantemente das temáticas relativas à autoridade narrativa, mediação política, pan-helenismo e colonização. Reiterando a pertinência da argumentação de Kim Beerden (2013, p. 34) sobre a organicidade existente entre os ritos divinatórios e as demais práticas cultuais, o papel desempenhado por Delfos e os demais santuários oraculares na inauguração de cultos deve ser melhor apurado nas evidências literárias. Tal investigação contribuiria com o debate da temática da ausência de uma institucionalização formal das práticas cultuais gregas que norteia produções recentes.<sup>26</sup> A análise conjunta das duas etiologias abordadas nesse trabalho demonstra não apenas o papel regulador do oráculo délfico sobre as práticas cultuais dentro da comunidade na qual se situava (Hdt., *Hist.*, VII, 178), mas a existência de um diálogo direto entre as práticas délficas (Hdt., *Hist.*, VII, 189) e atenienses que carece de maior esclarecimento.<sup>27</sup>

Por fim, deve-se considerar que o emprego narrativo das profecias oraculares convida a audiência a relacionar as informações reveladas por essas à sua própria contemporaneidade e, talvez, até mesmo a acontecimentos futuros (KINDT, 2016, p. 23). A época de publicação das *Histórias* é geralmente atribuída às fases iniciais do Período Clássico. Tradicionalmente considerado um ambiente de notável efervescência cultural no

---

<sup>25</sup> Merecem destaque os assaltos aos santuários de Apolo em Abae (Hdt., *Hist.*, VIII, 33), de Atena, em Delfos (Hdt., *Hist.*, VIII, 37) e de Posídon, em Potideia (Hdt., *Hist.*, VIII, 129).

<sup>26</sup> Em artigo recente, Tridimas (2022, p. 688) aponta diversos fatores que impossibilitavam a instauração de um monopólio de instituições religiosas sobre as práticas religiosas gregas. A multiplicidade de deuses, ausência de um único ser fundador, de um livro sagrado, doutrina e dogmas rígidos teria impedido qualquer iniciativa de domínio e institucionalização das práticas cultuais gregas, assim como a hegemonia de classes sacerdotais sobre outros agentes hieráticos.

<sup>27</sup> No segundo relato etiológico analisado (Hdt., *Hist.*, VII, 189), a omissão do santuário que originou a profecia pode ser interpretada à luz de sua alocação posterior no expediente cronológico das narrativas oraculares do livro VII. Nessa perspectiva, os termos *allou chresteriou* – outro vaticínio – adicionaria mais uma profecia àquelas provenientes de Delfos como a fonte de informação para esse relato etiológico.

mundo grego, constatou-se nesta época o desenvolvimento do pensamento racional e da valorização de práticas artísticas (especialmente nas fontes atenienses). Dessa forma, é natural que, no confluente expediente cultural da capital da Ática, a legitimidade das práticas religiosas tenha sido motivo de debate. Evidências literárias sugerem um ambiente de divergência intelectual sobre tal temática, no qual coexistiam os adeptos da piedade inquestionável e os cétricos (ROBERTS, 2011, p. 224). Especialistas apontam que o questionamento da validade das profecias oraculares decorria da crítica popular (CROSBY, 2022, p. 69) e, provavelmente, era um tópico pertinente nesse debate.

Portanto, conclui-se que tanto a alocação narrativa designada por Heródoto aos parágrafos analisados nesse artigo quanto seus respectivos conteúdos informativos e referências culturais que reúnem se tornam componentes indispensáveis da estrutura teleológica da obra. Tais elementos configuram a teia argumentativa do historiador e provocavam reflexões em seus leitores. Publicada e declamada em um contexto histórico caracterizado por uma pluralidade ideológica, as *Histórias* reiteram perante sua audiência a importância pretérita dos ritos divinatórios e demais práticas religiosas gregas. Por meio de tradições culturais – destacando-se a literatura e a mitologia –, a obra resgata o protagonismo de tais ritos em um turbulento passado no qual o modo de vida grego esteve ameaçado. A narrativa da vitória grega oferecida pela obra demonstra que essa não dependera apenas de sua organização tática, mas da piedade de seus soldados e do reconhecimento comunitários de seus deuses.

## Referências

### Documentação textual

HERODOTUS, *Historiae libri I-IV*. Translated by N. G. Wilson. Oxford: Oxford University Press, 2015.

HERODOTUS. *Historiae libri V-IX*. Translated by N. G. Wilson. Oxford: Oxford University Press, 2015.

HESÍODO. *Hesiod: Homeric Hymns and Homeric*. Translated by T. E. Page and W. H. Rouse. Harvard: Harvard University Press, 1932.

HOMERO. *Ilíada*. Tradução de Christian Werner. São Paulo: Ubu, 2018.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução de Christian Werner. São Paulo: Ubu, 2018.

SÓFOCLES. *Os Persas*. Tradução de Mario da Gama Cury. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

PAUSANIAS. *Travel and memory in Roman Greece*. Translated by Susan Alcock, John Cherry and Jas Elsner. Oxford: Oxford University Press, 2001.

PLATO. *Fedro*. Translated by Robin Waterfield. Oxford: Oxford University Press, 2002.

### Obras de apoio

ASHERI, D.; LLOYD, A.; CORCELLA, A. *A commentary on Herodotus books I-V*. New York: Oxford University Press, 2007.

BARAGWANATH, E. *Motivation and narrative in Herodotus*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

BEERDEN, K. *Worlds full of signs: Ancient Greek divination in context*. Leiden: Brill, 2013.

CARTLEDGE, P. *Ancient Greek political thought in practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

CALAME, C. Greek myth and Greek religion. In: WOODARD, R. (ed.). *The Cambridge companion to Greek mythology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 259-285.

CLARKE, K. *Shaping the geography of empire: man and nature in Herodotus' Histories*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

CROSBY, D. Croesus at Dodona: the test of the oracles in oracular context. *Histos*, n. 16, 2022.

DEACY, S. "Famous Athens, divine polis". The religious system of Athens. In: OGDEN, D. (ed.). *A companion to Greek religion*. Oxford: Blackwell Publishing, 2007, p. 221-236.

DILLON, M. *Omens and oracles: divination in ancient Greece*. New York: Routledge, 2017.

GEROMELOU, M. *Recognizing miracles in Antiquity and beyond*. Boston: de Gruyter, 2018.

GRETHLEIN, J. *Experience and teleology in ancient historiography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

GUARINELLO, N. *História antiga*. São Paulo: Contexto, 2013.

HARRISON, T. *Divinity and history: the religion of Herodotus*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

HAU, L. *Moral history from Herodotus to Diodorus Siculus*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2016.

IMMERWAHR, H. R. Aspects of historical causation in Herodotus. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, v. 87, p. 241-248, 1956.

JIM, T. *Saviour gods and soteria in ancient Greece*. Oxford: Oxford University Press, 2022.

JONG, I. Narrative and narrative unities. In: BAKKER, E.; JONG, I.; VANS WEES, H. (ed.). *Brill companion to Herodotus*. Leiden: Brill, 2002, p. 245-266.

KINDT, J. Delphic oracle stories and the beginning of historiography: Herodotus' Croesus logos. *Classical Philology*, v. 101, n. 1, p. 34-51, 2006.

- KINDT, J. *Revisiting Delphi: religion and storytelling in ancient Greece*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.
- LARSON, J. *Understanding Greek religion*. London: Routledge, 2016.
- MIKALSON, J. D. *Herodotus and religion in the Persian Wars*. Raleigh: The University of North Carolina Press, 2003.
- MITCHELL, F. Monstrous omens in Herodotus' Histories. *Proceedings of the Annual Meeting of Postgraduates in Ancient Literature*, p. 1-10, 2013.
- MCINERNEY, J. Parnassus, Delphi, and the Thyiades. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, v. 38, n. 3, p. 263-283, 1997.
- MOREIRA, M. F. *Ironia e moralidade: os presságios nos logoi dos reis persas nas Histórias de Heródoto*. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.
- NICOL, D. M. The oracle of Dodona. *Greece & Rome*, v. 5, n. 2, p. 128-143, 1958.
- PELLING, C. *Herodotus and the question why*. Austin: University of Texas Press, 2019.
- ROBERTS, J. *Herodotus: a very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- ROOKHUIJZEN, J. *Herodotus and the topography of Xerxes' invasion: place and memory in Greece and Anatolia*. Boston: De Gruyter, 2018.
- RUTHERFORD, R. Herodotean ironies. *Histos*, n. 12, p. 1-48, 2018.
- SEBASTIANI, B. B. Ficção e verdade em Heródoto e Tucídides. *Ágora, Estudos Clássicos em Debate*, n. 20, p. 53-74, 2018.
- TRIDIMAS, G. Religion without doctrine or clergy: the case of ancient Greece. *Journal of Institutional Economics*, n. 18, p. 677-691, 2022.
- WYCHERLEY, R. Minor shrines in ancient Athens. *Phoenix*, v. 24, n. 4, p. 283-295, 1970.